

Obesidade infantil na pandemia de COVID-19

Child obesity in the COVID-19 pandemic

DOI:10.34119/bjhrv5n4-171

Recebimento dos originais: 14/04/2022

Aceitação para publicação: 30/06/2022

Isadora Maysa de Souza

Curso de Bacharelado em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: maysanota10@gmail.com

José Hermano Dias da Cruz Filho

Curso de Bacharelado em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: jhermanofilho@gmail.com

Késia Hadassa Albuquerque Matias

Curso de Bacharelado em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: kesia.albuquerque@hotmail.com

Maria Clara Marcelino de Resende

Curso de Bacharelado em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: mariaclaraderesende6@gmail.com

Renataly Moura Lins

Curso de Bacharelado em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: renatalymoura@gmail.com

Rita Erika da Silva Nascimento

Curso de Bacharelado em Medicina pela Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: ritaerika.phb@gmail.com

Isabela Tatiana Sales de Arruda

Doutora Biotecnologia da Saúde pela Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO)
Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)
Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695
E-mail: isabelaarruda@yahoo.com.br

Daniela Heitzmann Amaral Valentin de Sousa

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Instituição: Faculdade Nova Esperança (FAMENE)

Endereço: Av Frei Galvão, 12, Gramame, João Pessoa - Paraíba, CEP: 58067-695

E-mail: danihapsi@yahoo.com.br

RESUMO

Objetivo: Avaliar fatores que intervêm na obesidade infantil mediante os impactos que a pandemia do COVID-19 conduz sobre a alimentação infantil. Métodos: Foi feita uma revisão literária visando identificar as condições que influenciam no sobrepeso infantil relacionados aos efeitos pandêmicos do COVID-19. O estudo dos dados foi realizado por meio da análise nas bases de dados Pubmed e Scielo. Resultados: Mediante os dados coletados os resultados alcançados evidenciaram impactos negativos associados à obesidade e um estilo de vida sedentário, comprometimento financeiro das famílias no período pandêmico e hábitos alimentares individuais na ingestão de alimentos com alto percentual calórico. Conclusão: É possível relacionar a obesidade como fator de risco agravante nos sinais e sintomas da COVID-19 em crianças. A solução da problemática se dá através da educação em saúde e reeducação alimentar com ajuda dos pais e responsáveis.

Palavras-chave: comportamento alimentar, pandemia, obesidade pediátrica, COVID-19.

ABSTRACT

Objective: To assess factors that intervene in childhood obesity through the impacts that the COVID-19 pandemic has on child nutrition. Methods: A literature review was carried out to identify the conditions that influence childhood overweight related to the pandemic effects of COVID-19. The study of the data was carried out through the analysis of Pubmed and Scielo databases. Results: Through the data collected, the results achieved showed negative impacts associated with obesity and a sedentary lifestyle, financial commitment of families in the pandemic period and individual eating habits in the intake of foods with a high calorie percentage. Conclusion: It is possible to relate obesity as an aggravating risk factor in the signs and symptoms of COVID-19 in children. The solution to the problem is through health education and food reeducation with the help of parents and guardians.

Keywords: eating behavior, pandemics, pediatric obesity, COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19, doença disseminada pelo Coronavírus, ou também conhecido como SARS-CoV-2, teve início no ano de 2019 com o primeiro caso registrado na China e logo se alastrou por todo o mundo, sendo caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pandemia, em 11 de março de 2020. Trata-se de uma doença multissistêmica com graves consequências, levando a síndrome respiratória aguda e alto índice de morbidade e mortalidade, principalmente em pacientes com comorbidades. O público pediátrico possui um bom prognóstico, apresentando sintomas leves, porém pode haver complicações como desconforto respiratório e pneumonias quando relacionados a doenças pré-existentes^{1,2}.

A obesidade infantil é um problema de saúde pública global, caracterizada pelo acúmulo exacerbado de gordura corporal, produzido por um balanço energético positivo. É diagnosticada pelo Índice de Massa Corporal (IMC) com valor a partir de 30 kg/m^2 . Está associada a alterações metabólicas e conseqüentemente a doenças não transmissíveis como diabetes e doenças cardiovasculares, sendo fatores agravantes de risco para pacientes com COVID-19, mesmo na infância. Trata-se de uma doença multifatorial e possui como causas três pilares: determinantes genéticos, comportamentais e ambientais. Estima-se que cerca de 158 milhões de crianças e adolescentes (5 a 19 anos) devem ser obesos no ano de 2020^{3,4}.

A fim de conter o avanço do vírus, medidas de restrições foram implementadas pelas autoridades de cada país. No Brasil, em 6 de fevereiro de 2020, foi sancionada a Lei n 13.979, referente à medidas de enfrentamento da pandemia. Em meados de março foi instituída a quarentena, o uso de máscaras, distanciamento social, lockdown e fechamento das escolas, com o início do ensino de forma remota. Dessa forma, famílias foram submetidas ao isolamento social que refletiu em seu estilo de vida, trazendo conseqüências deletérias, atingindo também o público infantil².

Tais medidas levaram ao consumo exacerbado de alimentos processados e enlatados, com baixo valor nutricional, alto valor calórico, elevados níveis de açúcar, sódio e gorduras saturadas. Como também a redução do nível de atividade física, associada ao comportamento sedentário, por vezes relacionada à redução dos espaços recreativos e de lazer, além do aumento do tempo de uso de telas e exposição ao marketing da indústria alimentícia. Fatores psicológicos como ansiedade, depressão, distúrbios do sono, imagem corporal distorcida e dificuldades de relacionamento também podem estar associados ao ganho de peso e possível aumento na prevalência da obesidade infantil^{2,4}.

O aumento de casos relacionados à obesidade infantil, principalmente no período pandêmico acarretado pelo surto mundial do SARS-CoV-2, é expressivo e preocupante. Houveram mudanças relacionadas aos padrões e hábitos alimentares da população, favorecendo o consumo de alimentos ricos em gordura saturada, como os fast-food. Nesse sentido, um dos fatores que influenciam esse tipo de comorbidade é o estilo de vida familiar, pois as crianças estão mais expostas a sofrerem alterações no padrão alimentar, uma vez que são dependentes de outros indivíduos^{5,6}.

Diante da relevância dessa temática, o objetivo do presente artigo foi identificar a incidência de obesidade infantil no período de pandemia do COVID-19 correlacionando os fatores que incidiram no aumento dessa problemática nesse determinado período para avaliar a prevenção e o tratamento.

2 METODOLOGIA

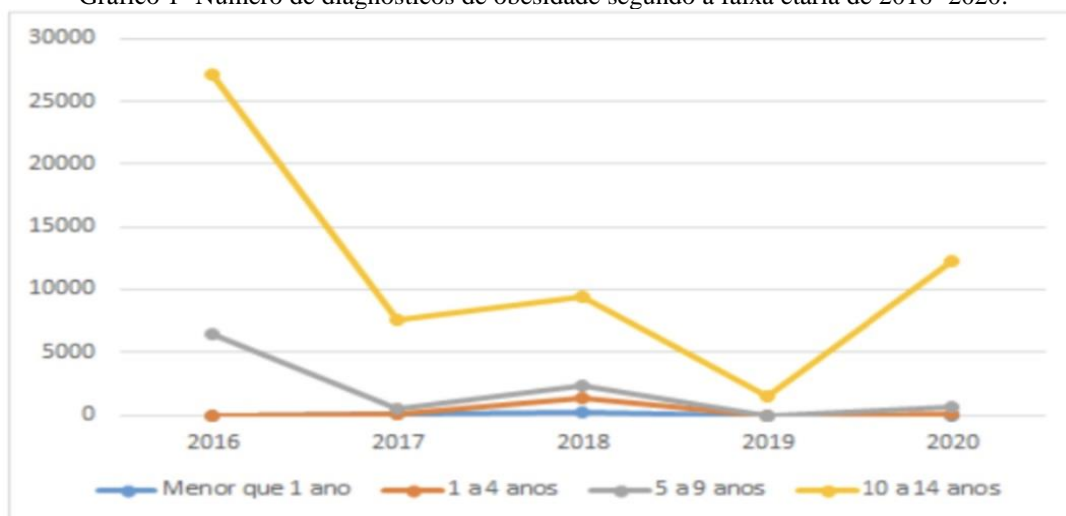
O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de natureza descritiva, para sua elaboração foram realizadas pesquisas nas bases do SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Pubmed. Ademais, foram utilizados artigos os quais, em seu contexto, evidenciava obesidade infantil e condições para o desenvolvimento no período Pandêmico, restringindo artigos publicado nos últimos 02 anos, de 2020 a 2022, utilizando as palavras-chaves: “Comportamento Alimentar”; “Pandemia”; “Obesidade Pediátrica” e “COVID- 19”. Visando compreender os fatores que interferem na obesidade infantil por meio dos impactos da SARS-CoV-19 (síndrome respiratória aguda grave provocada pelo vírus da Covid- 19) assim como fatores que incidem nessa elevação do questionamento da obesidade infantil no intervalo da pandemia.

3 RESULTADOS

Os resultados foram obtidos mediante a análise de artigos voltados para a relação da obesidade infantil com a pandemia de Covid-19. Para melhor visualização os dados foram distribuídos em tabelas de acordo com cada categoria analisada.

Com o processo de globalização a sociedade hodierna passou por transformações nos hábitos e costumes que repercutiram diretamente na saúde da população como um todo. Diante disso, a tabela 1 visa apresentar dados acerca do número de diagnósticos de obesidade em crianças de menos de 1 ano até os 14 anos de idade no período de 2016 a 2020².

Gráfico 1- Número de diagnósticos de obesidade segundo a faixa etária de 2016- 2020.



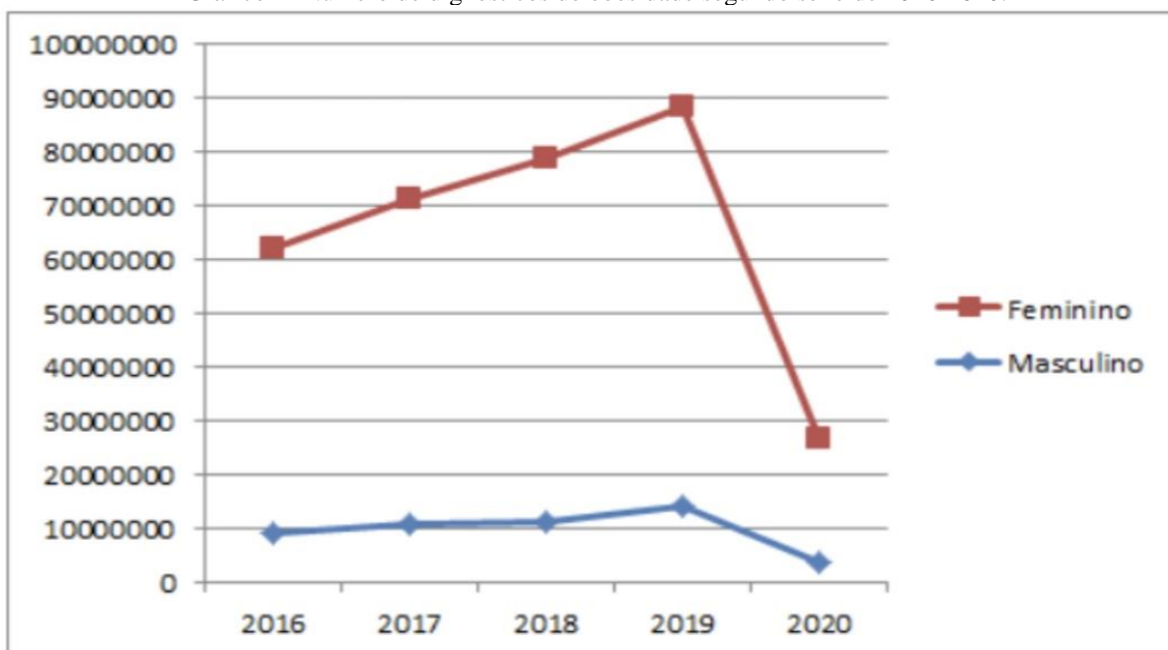
Fonte: Valverde, 2021².

De acordo com os dados é possível observar que em 2016 a incidência de crianças obesas atingiu valores máximos nas faixas etárias de 5 à 14 anos de idade. Nos anos subsequentes ocorreu uma redução significativa no número de casos de obesidade infantil. Entretanto, no ano de 2018 houve um aumento no quantitativo de crianças que apresentaram obesidade, sendo observado em todas as faixas etárias. Posteriormente, no biênio de 2018-2019 a queda no número de casos foi observada em todas as categorias. Além disso, no comparativo de 2019 a 2020 houve novamente um aumento na incidência de casos em crianças de 10 a 14 anos de idade.²

Conforme o que foi exposto, podemos verificar que desde o processo de globalização, o Brasil vem recebendo influências de várias culturas, especialmente a norte-americana, que no âmbito alimentar levou a inserção do modelo de consumo baseado em fastfood, o que levou um aumento no número de crianças obesas, como pode-se observar no gráfico 1. Tal fato, se dá também em decorrência da urbanização, sedentarismo que é motivado principalmente pelas tecnologias, e maior exposição a ambientes obesogênicos, presentes em todos os níveis socioeconômicos. Retratando assim a mudança de comportamento ocorrida na sociedade.²

Além de observar as variações do número de diagnóstico de obesidade é importante pontuar o sexo em que essa condição é mais presente. Nesse viés, o gráfico 2 apresenta a diferenciação entre o sexo feminino e masculino que receberam diagnóstico de obesidade entre os anos de 2016 e 2020.²

Gráfico 2- Número de diagnósticos de obesidade segundo sexo de 2016-2020.



Fonte: Valverde, 2021².

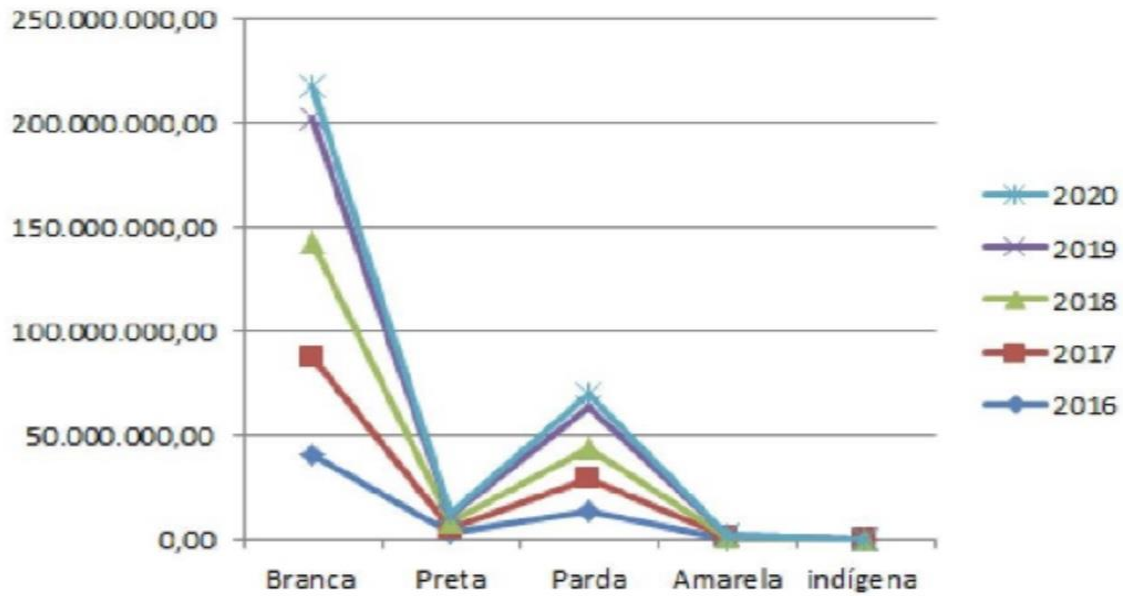
Mediante análise do gráfico 2 é notório que o sexo feminino apresenta maior prevalência de obesidade quando comparado ao sexo masculino. Ademais, é imprescindível destacar que dos anos de 2016 à 2019 os casos eram crescentes em ambos os sexos, entretanto no biênio de 2019-2020 ocorreu uma redução abrupta da incidência de diagnósticos de obesidade nos sexos feminino e masculino. ²

Vale salientar que as diferenças encontradas no tocante ao sexo, com maior prevalência de obesidade no sexo feminino, ocorre possivelmente por uma maior atividade desenvolvida pelos meninos, como também pela diferença hormonal, já que a testosterona, presente em maior quantidade no sexo masculino, é considerada protetora contra o ganho de peso. ²

Corroborando com estudo de Nogueira⁸, que foi desenvolvido pelo Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), que avaliou a relação do ambiente com diferenças de gêneros na atividade física e taxas de prevalência da obesidade infantil, mostrou que a prática desportiva fora do ambiente escolar era maior em crianças do sexo masculino. Esse estudo evidencia que esse achado não é restrito ao Brasil, mas outras nações também compartilham da mesma situação, expondo a necessidade de criar oportunidades para que meninas se envolvam mais em atividades físicas fora da escola, como também que haja incentivo financeiro de apoio para as crianças de baixa renda.

Outrossim, ao analisar os casos de obesidade infantil é necessário realizar uma investigação acerca da etnia com o intuito de compreender qual público apresenta há uma maior prevalência de diagnósticos de obesidade. Diante disso, o gráfico 3 apresenta dados sobre a incidência de casos entre os anos de 2016 à 2020. ²

Gráfico 3 - Número de diagnósticos de obesidade segundo etnia de 2016-2020.



Fonte: Valverde, 2021².

Ao analisar o gráfico observa-se que as crianças das etnias branca e parda apresentaram crescente aumento no número de diagnósticos de obesidade nos últimos cinco anos². Além disso, vale ressaltar que os dados acerca das populações indígena e amarela apresentam-se zerados, sendo impossível analisar as variações nos índices da comorbidade nessas etnias.

Diante disso, faz-se necessário analisar outras características para além de dados epidemiológicos. Nesse sentido, a pandemia trouxe como consequência um maior consumo de alimentos processados e enlatados que são mais fáceis de adquirir e armazenar e possuem maior prazo de validade⁷. Outro fator que impacta diretamente na epidemia de obesidade é a redução das atividades físicas, fortemente influenciada pela interrupção das aulas presenciais, já que a escola é ambiente propício para as interações grupais ativas, realização de esportes e atividades recreativas⁷.

Ademais, o distanciamento social restringiu a manutenção das atividades presenciais dos programas de perda de peso e proibição de frequentar academias, parques e áreas de lazer, predispondo maior sedentarismo⁷. Além dos fatores supracitados a pandemia trouxe consigo um maior tempo de tela para as crianças, à medida que as escolas mudaram para o aprendizado virtual. Nesse viés, o aumento do tempo de tela pode exacerbar ainda mais os hábitos sedentários. O tempo de tela aumentou aproximadamente cinco horas por dia quando comparado ao período pré- COVID-19. ⁴

Conforme o gráfico 3, há um maior predomínio na população branca e parda, e que ocorre de forma crescente durante os anos, principalmente entre 2019 e 2020, revelando assim, o impacto da pandemia no aumento dos casos de obesidade, constatado também por outros

estudos^{2,3,5,6}.

Pesquisas anteriores^{3,5,6}, mostram que o distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19, trouxe impactos negativos associados à obesidade e um estilo de vida sedentário. O fechamento das escolas com a suspensão das aulas presenciais, restringiu o acesso a interações grupais ativas de esporte e recreação, o que além de reduzir o contato entre as pessoas, impactou também na alimentação desse público, já que para muitas crianças a merenda escolar ofertada era uma fonte alimentar segura e equilibrada, que foi deixada de ser oferecida, somado ao comprometimento financeiro de muitas famílias, que deixou de prover uma alimentação de qualidade e aumentou o consumo de processados e enlatados, pela facilidade de aquisição e armazenamento.

Stavridou et al.¹, em seu trabalho, engloba a situação da COVID-19 e o ganho de peso de diversos países. Com achados semelhantes na Palestina e na China, associando o aumento de peso em crianças pelo consumo de frituras, doces, bebidas com adição de açúcar e laticínios. Ressalta também que na América Latina, em especial Brasil e Chile, a inatividade tiveram uma alta durante o lockdown, o que reduziu o gasto energético e contribuiu, juntamente com tempo excessivo de telas, comportamento sedentário e lanches hipercalóricos, para o aumento desse quadro.

Santos et al.⁵, mostra a necessidade de ações de promoção de saúde associadas a redes sociais, com a finalidade de promover e controlar a epidemia da obesidade. Valverde et al.², traz como principal objetivo ações de saúde para promover a educação nutricional e física, de forma precoce, desde a infância, através de parcerias entre sistemas de saúde, educação e famílias. Segundo Cuschieri e Grech⁴, a prevenção da obesidade infantil e seu manejo, devem ser prioridade em nível individual e comunitário, almejado por toda população, através de um gerenciamento adequado e de educação dos pais na escolha dos alimentos dentro do seu orçamento.

Dessa forma, a Sociedade Brasileira de Pediatria⁷, adverte que a família deve estabelecer um ambiente saudável e seguro, proporcionando uma alimentação saudável, estimulando a prática de atividades físicas e reduzindo o tempo de tela das crianças, como forma de combate ao agravamento da obesidade infantil, como também suas complicações.

Assim, faz-se importante destacar o aumento dos casos de obesidade entre o público infantil e correlacionar com a pandemia de Covid-19, a fim de buscar uma solução para esse agravo na saúde.

4 CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obesidade corresponde a um problema de saúde mundial. O grande acúmulo de gordura corporal traz consequências agravantes, como diabetes e doenças cardiovasculares, assim como, é um fator de risco para pacientes com COVID-19, incluindo crianças. A obesidade na infância é um sério problema de saúde pública que atinge a todas as camadas sociais, um desafio que exige mudanças nas ações diárias das crianças, como ter uma alimentação saudável associada com atividade física adequada, tais mudanças contribuem para a diminuição dos fatores de risco e das fragilizações patológicas decorrentes da obesidade.

Com o cenário pandêmico, restrições devido ao covid-19 trouxeram mudanças na vida e rotina das crianças, que repercutiram na saúde das mesmas. Foi evidenciado como consequência ao período de contenções, o excesso de peso, resultante do impacto na saúde física e mental das crianças devido a obrigatoriedade de permanecerem em casa durante o dia inteiro, a falta de atividades físicas periódicas, a má alimentação resultante do consumo de alimentos de baixo valor nutricional e altos valores calóricos, açúcares e gorduras saturadas, além do aumento nos casos de ansiedade, depressão, distúrbios do sono, imagem corporal distorcida e dificuldades de relacionamento.

Os dados trabalhados evidenciam constantes alterações conforme idade, sexo e etnia. Mediante análises, observou-se que crianças de 5 a 14 anos de idade, mais recentemente, as de 10 a 14 anos de idade, do sexo feminino, e de etnias branca e parda apresentam maior prevalência de obesidade quando comparado a outras. Sendo assim, é imprescindível buscar uma solução para o agravo na saúde infantil, e realizar mais pesquisas quanto as consequências da pandemia da COVID- 19, em especial, nas crianças.

REFERÊNCIAS

1. Stavridou A, Kapsali E, Panagouli E, Thirios A, Polychronis K, Bacopoulou F, Psaltopoulou T. A. Obesity in children and adolescents during COVID-29 pandemic. *Children*, 2021; 8:135. Disponível em: <https://www.mdpi.com/journal/children> Acesso em: 29/09/2021.
2. Valverde RF, Romanello TB, Balseiro EL, Giacometti RA. , R. F. Panorama da relação epidemiológica entre obesidade infantil associada ao Covid-19. *Revista Artigos. Com*, 2021; 27:1-7. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/7123> Acesso em: 23/09/2021.
3. Wanderley EN, Ferreira VA. Obesidade: uma perspectiva plural. *Ciência e saúde coletiva*; 15(1). Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v15n1/a24v15n1.pdf Acesso em: 13/11/2021.
4. Cuschieri S, Grech S. COVID-19: a one-way ticket to a global childhood obesity crisis?. *Journal of Diabetes & Metabolic Disorders*, 2020; 19(2): 2027-2030. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33173756/> Acesso em: 23/09/2021.
5. Santos GSH, Camargo CC, Menossi, BRS. Projeto de extensão universitário no combate a obesidade infantil através das mídias sociais em face de pandemia por covid-19: um estudo transversal. *Brazilian Journal of Development*, 2020; 6(9): 69886-69900. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16876> Acesso em: 13/11/2021.
6. Sousa GC, Lopes CSD, Miranda MC, Silva VAA, Guimarães PR. A pandemia de COVID-19 e suas repercussões na epidemia da obesidade de crianças e adolescentes. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 12(12):1-8. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4743> Acesso em: 13/11/2021.
7. Sociedade Brasileira de Pediatria. Obesidade em Crianças e Adolescentes e COVID-19. Grupo de Trabalho em Atividade Física. São Paulo: 2020.
8. Nogueira HM, Ferrão MM, Gama A, Grespan F, Mourão I, Marques VR, Padrezões C. O impacto do ambiente nos níveis de obesidade infantil: quando o território emerge como um fator de diferenciação e risco. *Cadernos de Geografia*, 2012; 30(31): 239-248. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeo30_31/Eixo2_8 Acesso em: 24/04/2022.